

# TRIBUNA Live

À Biblioteca Pública de Braga

28  
OUTUBRO  
1972

— SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES —

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

## LEALDADE, AMIZADE E AMOR A INFLAÇÃO E OS SALÁRIOS

Por Narciso José Gonçalves

Quando surgiu o homem sobre a terra — o homem tipo natureza — de dimensões somáticas diferentes das do homem actual, grotêsco e inculto, o mundo que hoje nós outros ocupamos deveria ser um autêntico campo de concentração, em que imperava o tédio e o marasmo.

Com a evolução natural das coisas, porém, esse homem primitivo foi despindo as peles animais e grossas com que se cobria e agasalhava; abandona as cavernas e as habitações lacustres; inventa instrumentos de defesa, utilizando, para tanto, as próprias pedras que o rodeiam, e descobre meios de locomoção por tracção animal; organiza-se em sociedade e estabelece regras de conduta comum; cria direitos e obrigações, mais tarde sistematizados e codificados, e as consequentes penalidades para os contraventores destas primeiras normas jurídicas. E, assim, se intensifica a evolução no grande cartaz do progresso, e aparecem as chamadas «CIVILIZAÇÕES».

Aqui chegado a passos de gigante, vou fixar-me, embora muito sucintamente, na rica e opulenta Alexandria da era de antes de Cristo. Depois da célebre dinastia dos reis Faraós, seguiu-se a dos Ptolomeus. A última representante desta dinastia foi a tão decantada Rainha Cleópatra, filha de Ptolomeu II «O Flautista». Esta, pelo seu tacto político, doseado por uma presença de sedutora e invulgar beleza, a par do seu ardil e fulgor intelectual, subjogou, pois isso muito convinha ao Egipto ameaçado por Roma, os poderosos imperadores romanos, Júlio César e o seu amigo Marco António, enleando-os nas malhas do seu coração.

O ouro egípcio, que abundava aos montes, vencera, mas aparentemente apenas, a Roma dos Césares — Metrópole do poderio beligerante de então. Com efeito, e a despeito de todos os juramentos de lealdade e amizade, os triúmviros, magistrados administrativos representantes do povo romano da época, quebraram, na ausência dos «intangíveis» imperadores, o seu juramento

de fidelidade, e não embarcaram nas águas douradas do Nilo, tantas vezes sulcadas pelo faustoso galeão real de tão formosa como sensual Rainha, nem se intimidaram tampouco com a grandeza das Pirâmides do Egipto... Na verdade, Roma, era Roma! A futura cidade eterna, em que Pedro viria a edificar a residência dos Papas, jamais poderia depender do Egipto.

César, o homem de rija ténpera e de consagrada bravura, fora apunhalado pelo próprio filho Octaviano César que, por sua vez, havia de liquidar Marco António «O Belo» desautorizado já em sucessivas derrotas ao serviço de Alexandria, cuja Rainha desposára, vindo a morrer inglòriamente, por suicídio, depois de orgias sem conta. ao saber da entrada triunfal do seu amigo

e patricio Octaviano em terras do Egipto.

Cleópatra, sentindo-se vencida e só, impetrou a clemência do indomável invasor no sentido de lhe poupar a vida a si e a seus filhos e de não ser levada prisioneira para Roma. Todavia, tocada pelo profundo desgosto sofrido, acabou, também, por se suicidar ingerindo veneno, juntamente com duas aias, suas camareiras e confidentes.

Octaviano César, depois desta gesta memorável, regressa, nimbado de glória, à imortal Roma e proclama-se a si próprio «AUGUSTO» — o maior título que os imperadores romanos podiam ter. Seguidamente, procurou estender o seu império a outros domínios.

Entretanto, e ainda durante o seu mandato, ia verifi-

(Continua na 4.ª página)

## A EMIGRAÇÃO

A emigração de uma grande parte de portugueses, abandonando a industria, a agricultura e o comércio, despertou a melhor atenção ao Governo.

O fenómeno da emigração e os problemas que lhe são inerentes têm sido objecto de preocupação constante do Governo e, por esse facto, sugeriu que se intensificassem as medidas destinadas não só a estabelecer novas condições de fixação no País, mas ainda a evitar uma fuga, que muito enfraquece a economia nacional.

Foi com base na emigração de uma grande percentagem de portugueses que o Conselho de Ministros, numa das suas reuniões, criou o Secretariado Nacional de Emigração, a fim de ser resolvido um dos problemas mais importantes da vida nacional.

Não quer dizer com isto que estejam vedadas as saídas, mas dentro de um critério justo e sem prejuizos de carácter económico, defendendo, assim, a produ-

vidade da Nação.

Muitos dos emigrados, com família constituída, aventuravam-se e, por fim, caíam no malogro, esquecendo-se das suas responsabilidades e até inclusivamente, do amor de família e dos seus deveres sociais; e, depois de ultrapassada a fronteira, em país estranho e sem recursos seguem um rumo diferente, conhecendo mais a desdita e a amargura do que a própria felicidade.

É a vida do emigrante, sem família, longe da sua pátria.

O país precisa da colaboração de todos os portugueses e nenhum homem tem necessidade de se ausentar para garantir o pão aos seus familiares, pois o Governo, com o seu trabalho digno e proveitoso, assegura condições de vida adaptáveis a todos as modalidades de trabalho, tendo desenvolvido consideravelmente recursos sociais, que muito beneficiam as classes trabalhadoras.

Arsénio Sampaio de Andrade

Já de há muito que o mundo se refere «inteligentemente» à Inflação, catástrofe económica a avizinhar o caso em que a Economia se encontrará dentro de pouco.

Todos lamentam esta divisão lucro-consumo, pela pouca argúcia do empresário. Não seria difícil, já o repetimos variadas vezes, travar a inflação, se houvesse um mínimo de decoro no lucro excessivo a que o empresário se devotou e não consegue minimizar, uma vez que, lançado na senda da maioria gananciosa, parece ter feito desta, divisa da sua função.

Ainda ultimamente, um dos peritos monetários da Comunidade Económica Europeia atribuiu necessidade urgente de preços compulsórios e o controlo dos lucros, se os trabalhadores não conseguirem estabelecer cooperação com os governos, para combater a inflação...

Analisado devidamente o que se passou no pretérito dia 11 do corrente, em Estrasburgo, na comissão da C.E.E. reunida no âmbito do chamado «Parlamento Europeu», verificar-se-á que o sr. Raymond Barre, vice-presidente da citada comissão, apresentou o espectro da inflação como símbolo do crescimento do salário, em toda a zona do Mercado Comum.

Ora, apresentar a nossa opinião, aliás tão fácil de expressar, contra o fundamento do ilustre economista, bastar-nos ser porta voz doutro ilustre economista alemão quando afirmou, como Cura-

dor da Economia Alemã: «Dez milhões e meio de alemães estarão a mais nos seus actuais empregos, a partir de 1980, por causa da automatização. Mas isto não significa desemprego, se o desenvolvimento económico continuar, como se espera. Estes trabalhadores serão imediatamente absorvidos por outros lugares.»

E o Curador, no seu bem fundamentado estudo, revela ainda que a automatização e o progresso na produtividade têm, também, os seus inconvenientes.

Porém, diz:

«Assim o aumento da produtividade não conduz automaticamente a uma distribuição melhor do rendimento — ou seja: o aumento progressivo dos ordenados e salários, conforme a produção. Pelo contrário, a taxa dos ordenados fica sem qualquer modificação.»

Ora, se não conduz a uma melhor distribuição do rendimento, não nos venham argumentar que a inflação é produto do salário elevado. É, de facto produto do elevado lucro. E aí reside a causa.

MILITÃO PORTO

## 5.ª COLUNA

Disse há umas semanas ao meu Leitor que a faceta mais portuguesa do nosso país era o Ridículo. E é! Se não vejamos.

Em Real, freguesia de Amarante, existe uma escola super-lotada por multidão de crianças que estudam Instrução Primária, onde as carteiras, a despeito de defeituosas, ainda têm de comportar três alunas cada. Professoras e alunos fazem verdadeiros milagres para se manterem no arruinado edifício, no qual a chuva penetra nalgumas partes pelo tecto e as salas de aula são separadas por paredes de taipa, deixando ouvir, portanto, de um lado ao outro, o que se passa nas salas

(Continua na 4.ª página)

# NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE

## Tribuna dos Estados Unidos

Já há muito tempo se vinha realizando na Sociedade de Estudos de Moçambique os chamados «Encontros da juventude», dirigidos e organizados por Roberto Cordeiro, que é também o director e organizador da página «Nova Geração» de «Notícias». Estas reuniões, que vêm registando uma afluência muito reduzida, salvo o encontro em que foi debatida a vocação do jovem, ultrapassou, no entanto, todos os limites na sessão do último sábado à tarde.

O espectáculo, que se chamou matiné cultural, galvanizou a assistência, divertiu, comoveu e sobretudo não atraçou o nome — ensinou. Abriu com um recital de piano por um rapazinho de dez anos que executou peças clássicas, seguiu-se a declamação de novíssimos poetas de Moçambique por estudantes que nunca tinham recitado publicamente, canções por um trio também desconhecido e finalmente um bailado clássico espanhol por António Salas que também recitou Garcia Lorca, acompanhando-se ao piano.

A assistência aplaudiu delirantemente todos os números. Mas o que electrizou verdadeiramente o público foi a declamação dos poemas, principalmente a

«Olimpíada-72» e «Salve, África» de R. Cordeiro. Com um solo de bateria com fundo, a dar uma sugestão de batuque, foi de facto uma maravilha. Aprendeu-se muito. Pelo menos ficou-se com a convicção de que a nossa gente ainda aprecia poesia, sobretudo a que tem conteúdo, a que diz algo, em suma, a poesia útil. Como o próprio organizador disse, há versejadores e há Poetas (com P maiúsculo): que, apesar de forçosamente imbuída de materialismo, ainda crê na espiritualidade.

Para se avaliar o quanto este espectáculo interessou, resta dizer que a sala, que comporta 700 pessoas albergou quase 2.000

Correspondente

### Salvé 3-11-72

No próximo dia 3 passa também o seu aniversário natalício o sr. Ramirio Antunes, chefe dos escritórios de «A Modelar».

Sua esposa e filhinhos desejam-lhe muitas felicidades neste dia e pedem a Deus que esta data se repita por anos sem fim na sua companhia.

Tribuna Livre cumprimenta o aniversariante e deseja-lhe muitos anos de vida. Parabéns

### EM AMARES (Feira Nova)

ALMOCE OU JANTE

NO RESTAURANTE

«MILHO REI»

Café — Snack — Bar

Casamentos - Baptizados - Festas elegantes

# CALAFRIO

Continuado do número anterior)

num gemido.

«Louvado seja Deus?!

— Estou justificada!

— Na verdade, assim é, Miss!

Eu não podia ter desejado mais enfase, mas quasi hesitei.

«Era ela assim tão horrível?»

Eu vi que a minha colega não sabia como explicar-se.

«Verdadeiramente horrível!

— E a meu respeito?

— A seu respeito, Miss — desde que fez aquilo. Para uma menina, ultrapassa tudo; e eu não posso compreender como ela aprendeu aquelas coisas...

— linguagem espantosa que usou para comigo? Por mim, posso! Soltei uma gargalhada, sem dúvida alguma bastante significativa.

Isto, realmente, apenas fez com que a minha amiga ainda ficasse mais grave.

«Sim, eu talvez também deva saber — desde que ouvi alguma coisa a esse respeito, anteriormente! No entanto, não posso suportar isso,» continuou a pobre senhora, no mesmo tempo, lançava um olhar ao meu relógio de tucador. «Mas tenho de me ir outra vez.»

Eu detive-a, no entanto.

«Ah, se a senhora não pode suportar isso...!

— Como poderei ficar com ela, é o que quere dizer? Como? Precisamente por isso: para a levar daqui para fora. Para longe disto,» continuou, «para longe deles.

— Poderá ela modificar-se? Poder-se-á libertar?» agarrei-a alegremente. «Então, não obstante do que se passou ontem, acredita.

— Naquilo que se passou?» A simples descrição disso não exigia, à luz da sua expressão, ser levada mais longe, e Mrs. Grose pôs as coisas como nunca: «Acredito.»

Sim, era uma alegria, e nós estávamos ambas lado a lado: se eu pudesse continuar com essa certeza, pouco precisaria de me preocupar com o que viesse a acontecer. A minha resistência, em face do

necessária iluminação da cena, foi o «fim do mundo». A Tia Jé, que nunca tinha visto um clarão daqueles nos fotografos à la minuto», pensou que a máquina tinha explodido e só parou no meio da rua. Foi um sacrifício para convenc-la e entrar de novo. Dias depois as fotografias estavam prontas. Ficaram ótimas.

Esta é de barbeiros. Mas é verídica.

Um amigo nosso, de trás os Montes, querendo cortar o cabelo, entrou na primeira barbearia que encontrou lá na cidade de OAKLAND, na Califórnia.

Como não sabia falar inglês explicou por gestos ao «figaro» e apontando um cartaz na parede, como queria o seu corte de cabelo.

O barbeiro disse O.K. e não esteve em meias medidas. Com a máquina eléctrica regulada a zero ceifou-lhe todo o cabelo antes que o cliente, mal acreditando no que via, tivesse tempo para reclamar a sua semelhança com o célebre artista de cinema Yul Bryner.

Ainda por cima o atencioso barbeiro encheu-lhe as mãos de cartões da sua barbearia para o freguez distribuir pelos amigos...

E o nosso amigo lá pagou e não bufou... porque não sabia bufar em inglês.

\* \* \*

Esta aconteceu no interior do estado de Minas Gerais, no Brasil. Ao constar que havia acertado os 13 resultados na LOTARIA DESPORTIVA (o Fotobola brasileiro) o homenzinho não se conteve. Dava saltos gigantescos de alegria. Depois começou o pagar bebidas para os amigos e num gesto incontinente pegou no telefone e ligou para o patrão. Ao mesmo tempo que mandava o emprego ás favas, dizia ao patrão quase aos gritos: — «Saiba que neste momento esta falando com o maior milionário do Brasil». Em seguida pegou no seu velho Renault Gordini e o enfiou como coisa imprestável no fundo de um buraco, numa estrada abandonada. Agora — exclamava — vou comprar um verdadeiro carro e «mandar braza» por aí.

Mas não se passaram 24 horas e adveio a mais amarga decepção da sua vida. Tinha acertado nos 13 resultados mas com uma verdadeira multidão de ganhadores.

Lá teve que ir pedir desculpas ao patrão e ir apanhar, no fundo do buraco, o velho carro que horas antes desprezara.

ARMAMAR

desaire teria sido igual à minha primitiva necessidade de confiança e, se a minha amiga respondia pela minha honestidade, eu estava pronta a responder por tudo o mais. No momento de me despedir, senti-me, no entanto de certo modo embaraçada.»

«Há uma coisa, claro — lembrou-me agora — que é bom não esquecer. A minha carta a advertir o tio chegou á cidade primeiro que a senhora.»

Percebi então como ela devia ter estado a palpar o terreno e como se sentira finalmente vencida.

«A carta nunca poderá chegar ao seu destino. Nunca partiu.

— Que foi feito dela, então?

Só Deus o sabe! O menino Miles...

— Quere dizer que foi ele quem a apanhou?» Hesitei. Ela calou-se, mas acabou por vencer a sua relutância.

«Quero dizer que ontem, quando voltei, vi que a carta não se encontrava onde a Miss a tinha deixado. Mais tarde, à noite, perguntei por ela ao Luke, que me declarou não a ter visto nem lhe ter tocado.»

Agendas pudemos soltar, em face de isto, uma das nossas mais profundas interjeições, e foi Mrs. Grose quem primeiro sacudiu aquele lastro, quasi com orgulho. «Está a ver!

— Sim, vejo; se Miles a viu, em vez de Luke, naturalmente leu-a e rasgou-a.

— E, além disso, não vê mais nada?»

Fitei-a um momento com um sorriso triste.

«Parece-me que, mesmo, nesta altura os seus olhos estão mais abertos do que os meus.»

Assim devia ser, efectivamente, mas ela podia ainda ruborizar-se, para o mostrar.

«Agora compreendo o que ele terá feito no colégio.»

E, na sua ingénua perspicácia, Mrs. Grose soltou um soluço de desilusão quasi ridículo:

«Roubo»

Insisti — procurei ser mais judicial.

«Sim, talvez.»

Ela parecia ter encontrado em mim uma imprevista serenidade.

«Roubou correspondência!»

Mrs. Grose não podia compreender as minhas razões para uma calma antes de tudo parvamente frívola; eis porque lhe fiz ver as coisas como pude:

«Espero que tivesse em vista naquela ocasião um fim mais

(Continua no próximo número)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### Banda dos Bombeiros Voluntários

Assumi as funções delicadas, na época que atravessamos de falta de elementos, de regente da nossa banda, o Sr. Constantino Ramada, natural de Ovar, músico profissional desde os 16 anos. Homem disciplinado e disciplinador porque sofreu as rígidas determinações do exército, onde prestou os seus valiosos serviços. Temos que agradecer antecipadamente ao Sr. Ramada o sacrifício que vai fazer diante de elementos que não teriam sido tropas para que a música e as suas notas estejam sempre harmoniosas. Dos queridos amigos e músicos amarenses esperamos aquilo que sempre foram quando a fartura obrigava a sugestões.

### Proesa Policial

Depois de aturadas deligências a G. N. R. conseguiu descobrir os autores de um crime de certa gravidade porque pôs em risco a vida de um automobilista funcionário bancário de Braga, cujo carro sofreu importantes danos. Um pedras atravessadas na E. N. 205 no conhecido estirão de Lago, foram colocadas, pela própria confissão dos autores Alberto Fernandes, casado trolha, do lugar das Pontezinhas, Lago e Joaquim da Rocha Ferreira solteiro, trôlha, dos Olheiros, Rendufe, que terão de responder pelo crime praticado.

### Cinturão de caçador achado

No monte da Santinha, em Amares, foi achado pelo Sr. José da Conceição Pereira do lugar das Quintais Carrazedo, um cinturão de couro que será entregue a quem provar pertencer.

### STOP

O sol estava radiante quando parei às 9 horas a presenciar o movimento escolar do Ciclo Preparatório criado em Amares. Só assim se dá vida às terras das províncias que são verdadeiros «formigueiros» de juventude e filhos de Portugal, que querem mostrar as suas habilidades, honrar o rumo da Pátria e guardar no coração o nome do Ministro da Educação. Depois de oito séculos, a juventude, criada ao desbarato, encontrou os caminhos que a podem conduzir aos destinos para que, por Deus, foi criada. E, ao sabermos que em oitocentos anos tantos homens governantes sabiam o que faltava à riqueza demográfica, só temos que res-

ponsabilizar quem deixou ao abandono tantas capacidades perdidas e a perguntar quem morava no Terreiro do Paço para acudir ao grande volume de portugueses analfabetos que se exportavam para o Brasil a colocar mal os descobridores. Mas, como estamos habituados a obdecer, muito obrigados a quem cumpriu um dever e soube cumprir uma obrigação.

### Alexandre Rodrigues

A este novo assinante da Tribuna Livre prometi que me não esquecia de exaltar as suas qualidades de industrial.

Nasceu em Rendufe e foi, como militar, cumprir o seu dever de soberania. Foi feliz porque teve a sorte de não morrer e ficou a conhecer tanta riqueza, que é de todos os portugueses. Já sabe para onde há-de ir se não gostar do frio do continente, ou se o seu aviário e a sua casa comercial da Rua D. Diogo de Souza, em Braga, não lhe der os rendimentos que sonhou quando se atreveu a criar as duas grandes empresas.

### Vindimas

Prestes a uma conclusão definitiva e para o apuro da quantidade de vinho recolhido, as vindimas decorreram com desânimo. Vários foram os factores que deram causa ao silêncio da faina, outrora a mais estrondosa festa em casa do vinicultor de qualquer categoria. Estão nas vazilhas, livre de todos os males que o atacam, esse élixir da alegria e o equilibrador das finanças familiares.

Era com a receita da sua venda que se pagavam dividas e se davam prendas à família que pudou e sulfatou as videiras dos eidos e das quintas. É conhecida por filoxera uma grave doença que apareceu para dezimar as videiras que melhor vinho produziam. Essa doença como o cancro no corpo humano, não poupa a vida da árvore, nem apareceu, até hoje, remédio para a sua salvação. Todos os carinhos dispensados são inúteis. E assim estamos a assistir ao desaparecimento lento do embaixador Regional, do famoso vinho verde que levava longe o nome de Portugal vinícola. O triste remédio a que se tem recorrido, clandestino emigrante que por aqui apareceu sem documentos, é o produtor directo, proibido e condenado por desmoralizar a região aonde vve a ter conta nos fiscais, talvez a lamentar a sua sorte por ter de

## Vida elegante

### Aniversários

#### Fazem anos:

Hoje, dia 28, festeja o seu aniversário natalício o sra. D. Ermelinda Pereira Borbosa de Macedo, e o nosso assinante sr. Afonso Abrantes da Mota, ausente com sua família na América do Norte.

Amanhã, dia 29, o sr. Abílio José de Freitas.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

### Salvé 29-10-972

Passa amanhã mais um aniversário natalício do menino Tiago Alves Gonçalves, filho do nosso assinante sr. Agostinho Fernandes Gonçalves,



residente em França.

Seu avô deseja-lhe muitas felicidades.

vir cumprir um dever profissional contrário à sua vontade por ver que está a concorrer para o desaparecimento da única «raça» que resiste a uma peste que os agrónomos não sabem como combater. Se outros motivos não houvesse haveria este para «enlutar» toda a região que vê a pouco e pouco o seu empobrecimento e com a propriedade desvalorizada por não estar guarnecida com os galões do Rei da Alegria.

— Por —

**Elísio Gonçalves**

Carrazedo

Amares

## PELO CANADÁ

### Augusto da Costa Machado

Na próxima quarta-feira, dia 1, passa mais um aniversário do nosso ex-camarada de trabalho Snr. Augusto da Costa Machado, ausente no Canadá.

Por tão faustosa data, sua mãe, a gozar férias na nossa terra, envia-lhe um abraço e deseja-lhe muitas felicidades.

Os teus amigos, Augusto, como sempre, por intermédio da Tribuna que tu tanto estimavas, enviam-te um sincero abraço e desejam-te muitas e muitas felicidades e prosperidades.

\* \* \* \*

Para o Canadá seguiu, há dias, a menina Filomena da Costa Machado, que com sua mãe passou entre nós um período de férias bem merecidas. Soubemos que teve óptima viagem o que nos apraz registar com satisfação e desejar-lhe que seja muito feliz em todas as suas pretensões.

\* \* \* \*

### D. Eva Machado

Como acima dissemos encontra-se entre nós a Senhora D. Eva Machado.

Esta bondosa Senhora, cuja descendência Machado, no Canadá, muito tem engrandecido o nome de Portugal, é, como sempre foi, amiga dos pobres e desprotegidos, que ela sempre acarinha e ajuda com substanciais esmolas. Da acção da sua família no Canadá, destacamos as actividades em prol da colónia portuguesa de seu genro Snr. Teixeira, que é actualmente o director do programa que a TV canadiana transmite duas vezes por semana em português. O sr. Manuel Teixeira, que é natural do visinho concelho da Póvoa de Lanhoso, é também do nosso concelho pelo seu casamento com a Senhora D. Deolinda Machado, filha da Senhora D. Eva Machado.

Desejamos-lhe que gose umas boas férias entre nós e que encorage os seus descendentes para que auxiliem a nossa terra.

## Aniversário

Na passada terça-feira festejou o seu aniversário natalício o Senhor Alexandre Gomes, natural de Ansele.

Neste dia o aniversariante deslocou-se a Barreiros, a casa de seu irmão Sr. Delfim Gomes, para na companhia de familiares e amigos, festejarem o aniversário.

Por tão feliz data seus familiares e amigos desejam-lhe que este dia seja prolongado por infundáveis anos.

Parabéns

## Leia

## Propague e assine

«Tribuna Livre»

## Aniversário

Amanhã, dia 29, passa o seu aniversário natalício a menina Ana Maria de Macedo, filha do nosso assinante sr. Domingos Macedo e de sua esposa D. Francisca Garcia de Macedo.



Sua avó, Maria José de Macedo, de Besteiros, deseja-lhe muitas felicidades e que esta data se prolongue por muitos anos.

# 1.º Simpósio Nacional de Produção, Promoção e Vendas

Participação válida e destacada  
do sr. dr. J. Pereira da Silva

(Continuação do número anterior)

Intencionalmente caracterizo esta necessidade *como geral* para tornar mais compreensível a afirmação de que compete ao *governo* promover a sua satisfação.

Adepto feroz da livre iniciativa ou livre empresa — eu julgo porém que no domínio da agricultura e a *título provisorio* deveríamos encarar uma certa dose de dirigismo estatal, possibilitador da reconversão total das estruturas agrícolas portuguesas.

Reconversão da mentalidade do agricultor através duma campanha actuante de instrução... e educação através dos válidos canais de comunicação e até publicidade. Desarmação dum conceito generalizado de actividade pouco ou nada nobilitante ligado à lavoura. — O trabalhador rural tem no íntimo uma certa vergonha em o ser e secretamente aspira a um trabalhinho mais limpo — e sua substituição por uma consciencialização válida de que a agricultura é uma actividade tão ou mais nobre que qualquer outra e que poderá, se bem exercida, ser motivo de orgulho para aquele que a pratica.

Através de uma agricultura saudável, o agricultor poderá melhorar o seu nível de vida através da obtenção de fundos que possibilitem satisfazer as suas necessidades de *habitação, educação, vestuário, etc.* à escala dos demais trabalhadores em outras actividades.

Antes da criação de empresas agrícolas economicamente viáveis, em função da sua dimensão territorial, a reforma agrícola deve começar *no homem* que antes de mais deve ter orgulho na profissão que exerce e deve ser olhado com respeito por todos aqueles que se dedicam a outros labores...

Após um dia de trabalho no amanho da terra o nosso lavrador deve ter uma mentalidade tal que o leve a tomar banho, mudar de fato e ouvir boa música ou ler um bom livro junto da mulher e dos filhos.

Divulgação e imposição das melhoras técnicas de produção com vista à obtenção de mais e melhor produção.

Aproveitamento dos solos segundo a sua aptidão natural;

Criação de canais válidos de comercialização *rápidos e eficientes*, através dos quais o produtor se sinta defendido na medida em que produziu e vendeu a preço compensador e o consumidor igualmente se sinta seguro de que lhe são oferecidos produtos em quantidade e qualidade a preço não especulativo.

Evidentemente que tão ingente tarefa, no estadio actual da nossa conjuntura agrícola apenas pode ser prosseguida pelo Estado através dos seus órgãos governativos que não se poderão relegar a um papel de meros conselheiros ou consultores, mas sob a pena de tudo continuar na mesma terão de ser actuantes no lançamento e imposição das bases que condicionam a *«Transformação»*.

Israel fez no deserto agricultura da melhor do mundo e o Japão em leirinhas do tamanho de salas produz produtos em tal abundância, que alimenta 100 milhões de habitantes e de tão alta qualidade e aspecto que ao vê-los no mercado temos a tentação de com eles fazer ornamentos.

Nesses países porém o Estado actua desde o berço, impondo a ministração de ensinamentos sem os quais nada é possível e impõe técnicas, processos e sistemas que por serem bem estudados e adequados as suas finalidades produzem resultados proveitosos.

A agricultura mercê da extraordinária gama de necessidades a que satisfaz não pode por mais tempo ficar à mercê da decisão de agricultores sem preparação alguma, a despeito de ser comvente a sua *pobreza alegre*...

É de fundamental interesse aquilo a que chamo o *auscultar* da vocação agrícola dos solos e do clima... Não pode o Estado permitir que se insista no milho onde se pode obter *eucaliptos*... não pode o estado permitir que se insista na maçã ou no tomate onde apenas por hipótese será rentável a cultura forrageira... Não pode consentir-se na utilização dos meios e das técnicas medievais, não pode consentir-se na produção maciça destes produtos com prejuízo de outros que também são indispensáveis... Deverá promover-se a produção de produtos bem diferenciados satisfazendo a uma procura variada.

(Continua no próximo número)

# LEALDADE, AMIZADE E AMOR

(Continuado da 1.ª página)

car-se o maior e o mais transcendente acontecimento do mundo: O nascimento de Jesus, em Belém da Judá — reinava, então, Herodes! Que longa e dramática história a humanidade ia escrever com o próprio sangue do Redentor! Vai para 1972 anos. Foi Ele mesmo que, no Gólgota, pronunciou, pela primeira vez, a palavra AMOR e fez a sua proclamação, aconselhando-nos a que nos amássemos como Ele próprio nos amara.

Estamos prestes a completar três quartos do século XX — o século das luzes! E, no entanto, quão redio anda dos homens esse sentimento sublime?!...

Os imbecis e ignaros infestam em massa, e por toda a parte, a pobre sociedade que todos formamos. De coração empedernido, banqueteam-se, quantas vezes à custa alheia, na abundância da sua mesa, indiferentes à

## 5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

vizinhas.

Segundo a gravura que presenciei, a escola seria de belo porte, se fosse reparada convenientemente, de harmonia com a moderna construção e devidamente apetrechada com mobiliário pedagógicamente eficiente, pois a própria percentagem de repetentes nas turmas que constituem a frequência, que vai de 16 a 48, indica logicamente as condições ali do processamento do ensino.

Mas ninguém olha a isto. Falta de verba da Câmara de Amarante? Falta de conhecimento da mesma Câmara? Para o primeiro caso não é admissível; para o último, não crêmos porquanto nos parece ter o professorado ouvido reclamações dos seus pequeninos alunos e, também ter reclamado para o competente pelouro camarário.

Vem agora a pergunta do meu leitor. E o Ridículo. Aí vai, pois então!

É que a convite do presidente da Câmara visitou Amarante o Embaixador da Dinamarca, acompanhado da esposa e d'outras entidades diplomáticas, tendo sido recebido nos Paços do Concelho onde lhe foram apresentados cumprimentos, depois do que se efectuou um almoço em casa do sr. Presidente.

E não digo mais nada. Só o que digo é que, conforme lhe prometi, leitor, estou, por conta-gotas, a apresentar-lhe o tal Ridículo.

Está de acordo?

EME ABRIL

humildade do mísero Lázaro que, à porta, espera resignado as migalhas caídas ao chão. Avaros, petulantes e pretensiosos, incultos e atrevidos, são charlatães de praça pública. Arditos, vivem da consabida habilidade de «levar» o próximo, e procuram justificar a torpeza dos seus actos maléficos através de todos os meios. São devotos da mentira, sua arma predilecta na diabólica campanha da infâmia. Da amizade, porque amor jamais possuíram, têm uma noção puramente mercantil. Gananciosos e egocentristas, esquecem que, na vida, tudo é efêmero... Qual o valor humano desses «esbirros» e inferiores mortais? Quanto a mim, caro leitor, é negativo e tudo assenta na falta de formação moral e *carência de amor*. Mas depois que o homem se libertou das cavernas e chegou ao século das luzes, será que a humanida-

de é mais feliz? Penso que não.

Foi neste século — e ainda há bem pouco tempo — que o homem, através do aperfeiçoamento técnico a que o levou a sua inteligência, atingiu os domínios da Lua — a Lua, plena de mistério que tanto inspirou os poetas e prosadores — numa concretização das previsões de Leonardo da Vinci, que já nos fins do séc. XV e princípios do XVI estudara a forma do homem poder voar, e de Júlio Verne, este já mais peremptório nos seus vaticínios. E, apesar disso, leitor amigo, o homem parece mais infeliz que nunca, degladiando-se dia a dia ferrozmente, numa atroz destruição mútua, minado pela insatisfação de desejos incontidos e como que impedido por forças maquiavélicas.

E tudo isto por *carência de amor*!...

## Tribuna dos Estados Unidos

Vocês lembram-se do Manuel Teixeira, aquele moço boa praça que foi Regente Agrícola no Grémio da Lavoura de Amares? O nosso «chapa» José Tavares já realçou aqui nas colunas deste semanário as qualidades do Teixeira e as suas multiplas actividades em prol da comunidade portuguesa de Montreal, e nunca é demais pôr em destaque as suas obras, porque o simpático ex funcionário do Grémio Amarense hoje é «gente grande» entre os grandes daquela cidade «de la bele province du Quebec». E se es á entre os «grandes» não foi «empurrado por ninguém, foi pelos seus próprios méritos. Pois bem, esse môco que um dia veio lá da Févoa de Lanhoso para se apaixonar pelas belezas da Feira Nova, a ponto de se naturalizar nesta terra pelo coração, está no Canadá já à mais de 15 anos e resolveu vir aos Estados Unidos em «vacances», juntamente com a sua esposa e muitos familiares. Disse-nos que veio em gozo de férias mas desconfiamos que veio para acertar contas com o fotógrafo «assassino» que lhe «matou» todas as preciosas recordações do dia grande do seu casamento, e actualmente a residir aqui na costa atlântica da América.

Naquele tempo não haviam os Flashes Electrónicos de hoje, era tudo na base das lampadas que se queimavam e jogavam fora (e às veses também se queimavam os dedos ao retirá-las ainda fumegantes do Flash) mas, naquele dia festivo para o Teixeira, e para a Linda, as lâmpadas fizeram greve. Foi um fiasco.

Decorridos tantos anos o «rendez-vous» do fotógrafo com o Teixeira foi um «show» de boa camaradagem. Ele soube perdoar. Mas achamos que ele não aprendeu a lição porque no mês seguinte coube a vez ao tal fotógrafo de ir ao Canadá em «vacations» e o Teixeira ainda teve coragem de o incumbir para lhe tirar umas totes nos estúdios da NATIONAL CABLEVISION DE MONTREAL — CANADÁ 9 — onde ele se apresenta semanalmente frente às câmeras para dirigir o programa «REFLETS DU PORTUGAL».

E para fazer T.V. no Canadá ou na América, meus amigos, não basta ser boa praça, é necessário ter «peito» e ser mesmo gente «grande».

Quanto ao tal fotógrafo, lembrando se da história do gato escaldado, desta vez não usou Flash... e preferiu aproveitar a luz dos refletores dos estúdios. O Seguro morreu de velho.

E a propósito de histórias de fotógrafos há a daquela senhora que foi um dia a uma velha casa de fotografia da Rua Marechal Floriano, no Rio de Janeiro, para ser fotografada com o netinho e remeter depois a foto para os parentes na Feira Nova. (O Daniel vai rir, lá na França ao ler estas linhas).

Quando a Tia Jé e o Luiz Carlos se sentaram em frente da objetiva, o fotógrafo — que ainda devia ser do tempo dos irmãos Lumiere — colocou uma porção de pó de Magnézio numa tábua e preparou-se para bater a chapa. Mas quando chegou fogo aquele «negócio» para obter a